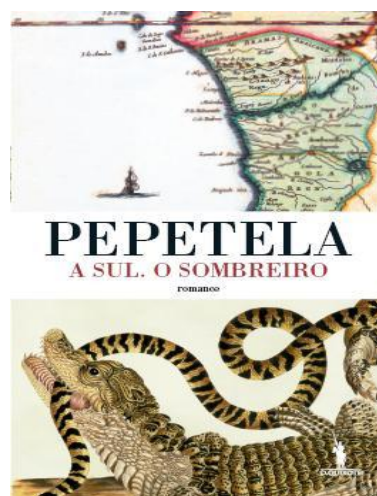


**Pepetela. A sul. O sombreiro.**Sílvia de Oliveira<sup>1</sup>

Autor de uma vasta obra, conhecida além-fronteiras, Pepetela traz a público o seu mais recente trabalho “A Sul. O Sombreiro”. Romance histórico na definição mais clássica do género, onde o autor reconstrói ficticiamente os acontecimentos que marcaram da história de Angola no século XVII, revelando assim o que está por detrás de episódios que a história tem mostrado apenas de forma superficial, preenchendo de forma muito sensível os múltiplos espaços desconhecidos da história angolana. Pepetela mistura inteligentemente, personagens históricas, como o governador Manuel Cerveira Pereira, com personagens secundárias, como é o caso de Carlos Rocha e da sua companheira Kandalu, bem como acontecimentos quotidianos que marcaram e determinaram a presença europeia, nomeadamente portuguesa, naquele território.



No capítulo 1 da obra, um padre católico de nome Simão de Oliveira (nome típico português), apresenta-se e assume o lugar de narrador. Será ele que se encarregará de contar todos os acontecimentos que constituem o romance. Assim, em redor da trama principal assumida por Manuel Cerveira Pereira, o “filho da puta” que “conseguiu por certas influências arrebatar o governo de Angola em 1603” (pp. 11), outros acontecimentos têm lugar, como o tráfico de escravos para o Brasil, principal recurso económico da altura, a ação dos jesuítas, os “verdadeiros chefes do território” (pp. 12), a instrução missionária desenvolvida pelos “padres da companhia, verdadeiros obreiros no ensinamento da fé a esses selvagens e pecadores” (pp. 48), os conflitos entre as

---

<sup>1</sup> [slviadeoliveira9@gmail.com](mailto:slviadeoliveira9@gmail.com)

diferentes ordens religiosas “sobretudo franciscanos e jesuítas” (pp. 98), a fundação do primeiro estabelecimento de ensino, e a presença dos jagas (grupo étnico nómada que invadiu o Congo e Angola, durante o século XVI, mas que foi submetido pelos locais e pelos portugueses), bem como as aventuras de Carlos Rocha, um “branco-escuro de cabelo carapinha”, de ascendência europeia e que “estudou com os jesuítas” (pp. 33). Para além desses acontecimentos principais, o autor faz ainda referência a pequenos episódios como seja o caso de Inês, a “primeira mulher a ser degredada para Angola” (pp. 26), a essência matrilinear da tradição africana, “aqui o filho nunca herda do pai mas sim do irmão mais velho da mãe” (pp. 15), sem esquecer o Kingrêje Andrew Battell, a referência a “Ngola Kiluange, o senhor do Ndongo” (pp. 57), a descrição dos pumbeiros “dentes separados e afiados nas pontas, como alguns povos do leste” (pp. 57), bem como a rainha Njinga Ndamdi.

O estilo simples, descritivo e real a que o autor já nos habituou, reforçado por uma aturada e pormenorizada investigação, a que não são alheios outros elementos, sobretudo sensoriais, leva-nos a uma viagem imaginativa que nos permite acompanhar, de forma muito próxima e expectante, as deambulações dos personagens no período de tempo referido. Assim, assistimos à revisitação histórica de um período da história de Angola muito abordado pelos historiadores, o período do tráfico de escravos e da sua importância na dinâmica económica daquela colónia, mas com referência a acontecimentos pouco salientados, ou seja, a governação filipina e a sua influência na sociedade da época naquela colónia, coincidindo com a conquista da cidade de Benguela. Assim, essa visita ao interior da história através da literatura tenderá a aproximar os leitores para conhecerem mais sobre acontecimentos da história daquele país mas que se tornaram também parte da história mundial. Assente numa vasta e extensa pesquisa que dá suporte aos 27 capítulos que compõem a obra, Pepetela mostra-nos as transformações que vão sofrendo os protagonistas e todos os que os rodeiam. As relações interpessoais também encontram aqui espaço privilegiado nas 359 páginas que constituem o romance. O destaque vai para sentimentos como a paixão, a lealdade, a traição, a amizade e a ganância.

A novidade do romance reside, a nosso ver, na inter-relação e conjugação de acontecimentos em todos os setores, funcionando como discurso alternativo à própria história. As referências históricas apresentadas em itálico pretendem reforçar essa ideia, pondo em diálogo acontecimentos do passado e relacionando-os com a atualidade, como seja o caso do hospital Maria Pia (recebeu esse nome no século XIX), hoje com o nome

de Josina Machel e que fora anteriormente claustros do convento dos franciscanos, o antigo colégio dos jesuítas no palácio presidencial que corresponde desde 2000 à Sé da cidade de Luanda, entre muitos outros.

O romance funciona como uma dedicação do autor à sua terra natal: Benguela. Aliás, essa referência está bem patente no título da obra pois o sombreiro refere-se à localização de Benguela, província situada a sul do território angolano. De fato, a conquista do território que hoje corresponde à província de Benguela centra as atenções do governador Manuel Cerveira Pereira, bem como de Carlos Rocha, interessados nas minas de prata de Cambambe. Depois da sua conquista, o governador escreve ao rei “contando a fundação da cidade de São Filipe de Benguela, em honra do nome de sua majestade, os seus feitos nas guerras, os progressos no conhecimento das minas de cobre” (pp. 231). Mas tal como no resto do território, também Benguela foi considerada pelo narrador Simão de Oliveira “cidade apenas para Satanás, não para homens crentes a Deus” (pp. 302).

No curso da leitura do tema, podemos identificar ainda as distinções raciais entre os personagens e como isso ditava o relacionamento comercial, político e religioso. Essa referência não é por acaso, pois funcionou como base da política colonial portuguesa até a independência daquele país.

Pepetela consegue assim, uma vez mais, prender o leitor nas suas viagens pela história de Angola. Cada capítulo é uma descoberta que nos conduz a outros acontecimentos. Recomenda-se assim a leitura desta obra, que constitui, uma vez mais, um legado para a literatura e a história de Angola.

**Pepetela. *A Sul. O Sombreiro*. Alfragide (Portugal): D.Quixote, 2011, 359 p.**